



Morte e Luto na Tradição e Religião Cristã Católica, entre os Rongas no distrito de Boane, Povoado de Picoco

Atílio Muhai¹

Maputo, Dezembro de 2021

¹ Consultor Académico na ATH Consultoria & Serviços Lda

Cont: (+258) 847332243/869332243

Emai: atiliomuhai@gmail.com

PÁGINA: https://www.facebook.com/ATH-Consultoria-Servi%C3%A7os-Lda-1ef=pages_you_manage

Índice

Resumo	i
1. Introdução	1
2. Abordagem metodológica.....	3
3. Apresentação, análise e Interpretação dos resultados	4
3.1. Procedimentos que são usados na tradição.....	4
3.2. Complementaridades, divergências e conflitos existentes entre a religião e tradição nos procedimentos fúnebres e na vivência do luto nas famílias ronga.....	12
3.2.1. Complementaridades entre a religião e tradição nos procedimentos fúnebres e na vivência do luto nas famílias ronga	12
3.2.2. Divergências e conflitos existentes entre a religião e tradição nos procedimentos fúnebres e na vivência do luto nas famílias ronga.....	13
4. Conclusão	15
Referências Bibliográficas.....	17

Resumo

Este trabalho, tem como principal enfoque, a tradição e religião, na vivência da morte e do luto entre famílias no sul de Moçambique, tendo como objectivo principal compreender a dinâmica de coexistência entre a tradição ronga e a religião cristã católica nos procedimentos fúnebres e a vivência do luto no povoado de Picoco, distrito de Boane, província de Maputo. O trabalho classifica-se como qualitativo. Para a concretização dos objectivos, adoptou-se por uma pesquisa descritiva. No procedimento do trabalho recorreu-se ao método monográfico onde explorou-se a percepção que as famílias têm sobre os ritos fúnebres tradicionais bem como religiosos. Para se tirar o maior proveito possível das potencialidades do método monográfico associou-se à entrevista semi-estruturada e a observação directa como técnicas de recolha de dados que ajudaram o atingir o objectivo. Com o trabalho conclui-se que apesar do processo de luto ser aparentemente um mecanismo universal, cada indivíduo tem uma forma diferente de o realizar e o processo varia não só de pessoa para pessoa, como também existem diferenças consoante a faixa etária em que o indivíduo se encontra. Segundo dados obtidos no campo foi possível verificar que cada um dos nossos entrevistados interpreta o processo de luto e morte de formas diferentes alguns apesar de serem cristãos são ainda movidos pelas suas tradições e culturas.

Palavras-chave: Morte; Luto; Tradição; Religião Cristã Católica; Rongas

1. Introdução

Muitos são os pensamentos que nos perseguem durante a vida na tentativa de elucidar questões filosófico-existenciais que se referem à origem, destino e sentido do viver de cada indivíduo. Comuns a todo ser humano, tais inquietações tornam-se mais ou menos evidentes conforme o momento do ciclo de vida ou circunstâncias pelas quais se passa. Portanto falar da cultura tradicional e da religião Cristã, reamenizá-las pode apenas postergar a busca. Encará-las traz a possibilidade de ampliar a visão do mundo, da vida e da morte, embora associada à angústia de não ter as respostas tão procuradas. Há, entretanto, factores que necessariamente escancaram tais reflexões. A morte é um deles.

Este trabalho, tem como principal enfoque, a tradição e religião, na vivência da morte e do luto entre famílias no sul de Moçambique (Na província de Maputo, distrito de Boane), tendo como objectivo principal compreender a dinâmica de coexistência entre a tradição ronga e a religião cristã católica nos procedimentos fúnebres e a vivência do luto no distrito de Boane, província de Maputo.

Em termos específicos procuramos, perceber os procedimentos usados durante o processo de enterro e luto nas famílias, no modo tradicional e religioso identificando as complementaridades, as divergências e conflitos existentes entre a religião e tradição nos procedimentos fúnebres e na vivência do luto nas famílias ronga e descrever o perfil das famílias, que vivenciam o luto na tradição ronga e na religião cristã católica.

No tocante a delimitação do tema, o nosso estudo decorreu no povoado de Picoco, no Distrito de Boane, província de Maputo, sul de Moçambique, num período de 2016 à 2017, focando-se na morte e o luto entre os rongs que professam a religião cristã católica, uma abordagem sobre os procedimentos fúnebres e a vivência do luto desde o oitavo dia até a cerimónia dos seis meses.

O presente trabalho tem como objectivo compreender a dinâmica de coexistência entre a tradição ronga e a religião cristã Católica nos procedimentos fúnebres e a vivência do luto nas famílias. Especificamente, o trabalho visa perceber os procedimentos usados durante o processo de enterro e luto nas famílias tradicional e religiosas; identificar as complementaridades, as divergências e conflitos existentes entre a religião e tradição nos procedimentos fúnebres e na vivência do luto nas famílias ronga e descrever o perfil das famílias, que vivenciam o luto na tradição ronga e na religião cristã católica.

Assim, o trabalho procura responder a seguinte questão:

De que forma a religião cristã católica coexiste com a tradição nos processos fúnebres e na vivência do luto, entre famílias ronga no sul de Moçambique, particularmente no Distrito de Boane em Maputo?

Para tal, levantaram-se as seguintes hipóteses:

- A coexistência entre a religião católica e a tradição nos processos fúnebres e na vivência do luto é antagónico na medida em que cada uma das partes defende certos princípios que divergem da outra;
- As famílias são atravessadas pelos ritos tradicionais e religiosos que culminam com a obrigação de cumprir com os mesmos a partir da socialização.

2. Abordagem metodológica

Para a Concretização dos nossos objectivos, adoptamos uma pesquisa descritiva pois, de acordo com Gil (2008), ela permite descrever as características de determinadas populações, fenómenos ou de uma experiência e estabelecer relações entre variáveis. Neste contexto, descrever significa identificar, relatar, comparar, entre outros aspectos.

Adoptamos também o método qualitativo. A escolha deste método deve-se ao facto de se mostrar apropriado para a efectivação do estudo.

No procedimento do trabalho recorremos ao método monográfico, proposto por Lê Play em 1830, o qual consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações. Este permitiu-nos aprofundar o máximo possível a informação que podia interessar-nos para uma melhor compreensão da realidade social em estudo. Ao longo da realização do trabalho do campo, este método de procedimento mostrou-se recorrente, permitindo-nos explorar a percepção que as famílias têm sobre os ritos fúnebres tradicionais bem como religiosos. Foi possível, neste sentido, atingir um determinado nível de informação no qual tornou-se fácil constatar a presença de categorias específicas no que tange a percepção da morte.

Para se tirar o maior proveito possível das potencialidades do método monográfico associamo-lo à entrevistas semi-estruturadas e a observação directa como técnicas de recolha de dados que nos ajudaram a atingir o objectivo. Com estas técnicas desenvolvemos o trabalho de campo no povoado de Picoco, distrito de Boane, província de Maputo. A observação directa, permitiu-nos ter um contacto directo com os factos no momento e no local onde estes ocorrem.

A entrevista semi-estruturada, permitiram-nos ter um maior contacto com a realidade, a obtenção em profundidade das informações pretendidas, e acima de tudo o esclarecimento de certas dúvidas aos nossos entrevistados. (Trivinos, 1987).

A população em estudo, foi de um universo de 15 famílias, e a amostra foi de 10 famílias.

3. Apresentação, análise e Interpretação dos resultados

Nesta secção, apresentamos de forma interpretativa os resultados do trabalho de campo, referentes aos principais pontos levantados na introdução do trabalho. Como forma de sistematizar a apresentação e discussão, facilitando também a leitura do mesmo.

3.1. Procedimentos que são usados na tradição

Com vista a desenvolver esta temática, trazem os depoimentos dos participantes da pesquisa onde passamos a relatar:

Antes do funeral do meu marido minhas tias disseram que eu não devia falar com aquelas que pessoas que iam chegando na minha casa. Disseram ainda que eu tinha que ficar deitada virada para parede. Quando chegam pessoas muito chegadas a mim minha tia mi chama e diz tu não podes falar tens que dormir virar para parede eu disse para ela vais me desculpar vocês vieram aqui por causa dos falecimentos e as pessoas que estão aqui não vos conhecem vem para me ver e ampararem-me como vou virar para parede? Como é que não posso falar com as pessoas se eu conseguir falar vou falar tenho que ver as pessoas e elas também tem que me ver para elas se sentirem que estiveram comigo ela acabou aceitando eu lhe disse que haviam pessoas que trabalhei com elas em norte e que nem conheciam minha casa e só apareceram porque viram no jornal então hão-de voltar mesmo sem mi cumprimentar isso tudo faz parte do tradicional².

Uma outra entrevistada teria dito que quando foi a Gaza visitar o seu cunhado irmão mais velho do seu marido que tinha perdido a esposa não o reconheceu porque estava sentado num canto coberto por uma manta, não estava deitado na cama estava fora da palhota. Foi lhe cumprimentar sem lhe reconhecer só mais tarde é que apercebeu de quem se tratava. Quando nasceu o sol ela viu que ele para ir a casa de banho era acompanhado por uma senhora, lhe deram uma senhora que era viúva porque não tinha viúva da família ali.

Cada vez que fosse a casa de banho aquela senhora tinha que ir atrás do seu cunhado e ficava na porta da casa de banho. Disse ainda que não gostou nada daquilo porque deram pessoas de fora para serem acompanhantes dele e a família estava bloqueada.

² Segundo a nossa entrevistada (10/6/17)

Aquilo deu de falar e só ficaram a saber do que se tratava quando regressaram para oitavo dia e toda a família disse que não ia cumprir com aquilo e que ele devia si sentir aconchegado com a família.

Ela acredita que a tradição ainda continua entretanto seu cunhado é uma pessoas que reza, até mesmo no dia do oitavo dia o padre ofereceu-lhe diploma de honra porque naquele ano completaria 50 anos de casado mas estava ali a sofrer com aquela família da comunidade. Todos rezavam juntos e viviam na mesma zona e pertencendo a mesma igreja mas coisas que ainda faziam tem muito a ver com a tradição.

No dia do funeral logo pela manhã veio o pastor para realizar a missa, ao chegar encontra que a campa está toda limpa e bonita então pergunta o que é que estavam ali a fazer porque eles já fizeram a tradição.

O meu marido morreu em casa nas minhas próprias mãos mais vi o poder de deus porque perdeu a vida as 19 e 20min mas deus mi fortificou fazendo com que não me assustasse depois disso pu-lo no chão e ajoelhei e orei dizendo ó meu deus no dia do meu casamento foi dito a seguinte palavra estejais juntos até que a morte vos separe porem hoje dia 24 me separo do meu marido ele vem ao seu encontro e eu também fico em si pude ver que tudo aquilo foi graças ao poder de deus porque se fosse por mim apenas não teria conseguido aguentar tanta dor e depois levaram o corpo estavam ai meus padrinhos e meu irmão, levaram o corpo deram banho ao amanhecer foram chamar um carro da agencia funerária para remover o corpo depois disso durante dias foi se fazendo orações preparando-se o dia do enterro e chegado o dia fiquei dentro da casa na companhia de certas senhoras que mi fortificavam³.

Depois do oitavo dia, chegado o período para sair fora foi dado algumas dicas e certas regras da tradição da família do seu ex-marido que não ia de acordo com as regras da igreja.

Quando a família do marido chegou a sua casa no dia da morte quis saber que horas ele perdeu a vida e de seguida ela respondeu e imediatamente o irmão mais velho do falecido ajoelhou-se e falou com seu antepassados dizendo que o recebam e só depois disso é que fez-se oração.

³ Entrevistada no dia 14/6/17

Com vista a purificação da casa aconteceu que o seu filho primogénito que já era casado foi dito que devia manter relações sexuais com a esposa e ao amanhecer deveria preparar chá e oferecer aqueles que estavam dentro da casa. Esse chá devia ser servido apenas a família Langa que era a família do marido e não para a família da viúva. Em seguida dera-lhe as regras tradicionais que deveria seguir em diante, porém estava aí um sobrinho que levantou-se e disse antes de tudo isso é preciso saberem da viúva o que diz acerca das regras da sua igreja e ela teria dito que deviam impor essas regras na presença do seu coordenador do núcleo de onde foram chamar.

Uma dessas regras é que ela deveria sair com as mãos postas atrás e que ao sair na estrada não deveria cumprimentar ninguém devia se apresentar perante as pessoas acanhada com tudo isso a coordenadora do núcleo disse que entendia mas que tudo aquilo fazia parte do passado e que ela não podia andar acanhada e com as mãos atrás isto porque essas coisas vão contra as regras da igreja.

Quanto ao cumprimentar pessoas na rua a coordenadora do núcleo teria dito que sendo ela viúva ainda recente seria quase que difícil cumprimentar as pessoas isto porque ainda está com aquele pesadelo e dor.

Desta forma ela escapou da tradição foi proibida pela igreja de por as mãos atrás e cobrir lençóis que até tapam a cara no momento da ida ao cemitério.

Na família do seu marido havia um princípio tradicional que obrigava que a viúva devia cortar cabelos e pelos das partes genital. Nisto a sua cunhada irmã do falecido advertiu-lhe dizendo que para que não fossem contra os princípios tradicionais da família e contra os princípios religiosos tinham de cortar apenas um pouco só para que os mais velhos vissem que não se negava a tradição familiar.

Em seguida disseram para ela que ficasse firme já que tudo que tinha sido feito foi dentro do consenso e que nada de mal ia acontecer. Neste caso a purificação foi feita em duas vertentes tradicional e religiosamente.

Ela aceitou a purificação tradicional por velar pela vida dos filhos é claro que ela acredita em deus mas em certo momento devia aceitar porque alguém da família teria dito que ela não conhecia os modos de vida da família.

Outra das nossas entrevistadas teria dito que seu marido era último filho da casa e a sua mãe já tinha uma idade avançada razão pela qual decidiram que ela viesse morar com

eles mas ela já não queria aquela vivência de tradição apesar de que na casa deles tiveram um curandeiro e o nome tradicional do seu marido era de um curandeiro mas sua sogra já não queria seguir a tradição e há muita coisa que ela não transmitiu acerca da morte.

Quando viajasse alguém o neto por exemplo, ela (sogra) só falava *wanga kumiwi hintxumo ndleleni*⁴ e não fazia mais outra coisa

A sua família era religiosa cresceram enquanto os seus pais já rezavam mas mesmo praticando a religião não deixavam de lado os cultos tradicionais. Em casa quando houvesse uma doença que assustasse os membros da família chamava um curandeiro mas eles eram muito unidos porque era uma família muito alargada todos eles entre irmãos e suas esposas ficavam todos dentro da palhota todos acompanhavam tudo o que o curandeiro fazia. A sua família fazia tudo em consenso mesmo que o curandeiro dissesse que quem fazia o feitiço era alguém da família eles continuavam unidos porque estavam sempre juntos nessas cerimónias.

Quando morria alguém levavam o defunto e deixavam numa palhota e o resto do pessoal permanecia fora e acendiam fogo permanecendo lá fora com vista receber outra parte dos familiares que iam aparecendo tinha que se chorar fortemente com vista mostrar que algo de errado aconteceu aquele tipo de choro servia para comunicar a comunidade que havia infelicidade.

Tirava-se quase tudo dentro da casa e permanecia apenas o defunto dentro e os mais velhos é que preparavam tudo. Deixavam ele sozinho no quarto que outrora lhe pertencia. No caso de ser uma criança a mãe em vez de ir a lareira e chorava ao lado da palhota e tinham duas pessoas que acompanhavam e dormiam ao lado da palhota onde o corpo da criança se encontrava.

As demais crianças tinham que sair para uma casa ao lado e não se cozinhava, as comidas era confeccionadas em casa das outras famílias e eram trazidas para casa onde havia infelicidade. Os funerais não eram demorados por exemplo se a pessoa perdesse a vida na madrugada logo a tarde era feito o funerário o funerário era feito logo nas primeiras horas da manhã ou no fim da tarde nunca podia-se fazer com o sol ardente.

⁴ Que nada de mal aconteça no percurso

Cada vez que chegasse um familiar íntimo era levado para dentro da palhota para ver o defunto também quando chegasse um familiar de longe ao chegar perto da casa tinha que dar aquele choro forte e os mais velhos logo apercebiam-se que alguém da família tal estava chegando.

Quando faleceu o seu pai ela já estava casada quando chegaram a casa dos pais ela e seu marido foram levados para ver o seu pai mas não podiam dormir ali. Foram levados a casa de um tio irmão da sua mãe que vivia perto. Era uma tradição mas ele até hoje não sabe porque é que não podiam dormir ali mas os seus irmão dormiram ali.

A cerimónia tradicional que viu na morte do seu pai foi depois do funeral. Quando o seu pai estava muito doente mandou chamar o padre e o padre perguntou para ele se queria ser baptizado e ele aceitou logo o baptismo.

Depois do baptismo toda família chorou pensando que ele ia morrer mais ele viveu mais por dois anos e quando morreu toda cerimónia foi realizada pela igreja católica.

Tradicionalmente não viu nada na morte do seu pai mas na preparação da sua mãe, quando estavam para dormir foram avisados que não podiam acordar naquela hora e as mulheres mais velhas deviam preparar a ela conforme os mitos daquela altura.

A sua mãe por acaso não lhe deixaram ficar na lareira depois do funeral devolveram-lhe para o quarto. No oitavo dia já tinha que se organizar a roupa de luto tinham que ir ao cemitério todos trajados de luto então sua mãe teve que pôr toda roupa preta fez-se a missa na igreja.

Quando chegaram os familiares da sua mãe que viviam distante ao se aproximarem da casa fizeram *minkhulunguana* e foi através desses gritos que os mais velhos aperceberam-se que se tratava da família da sua mãe e em seguida foram levados ao cemitério e mostraram a campa só depois disso é que entraram na casa.

Na morte da sua avó já que ela era machambeira e tinha muito milho e amendoim no celeiro, levaram aqueles produtos e fizeram *lifetse*⁵ em grandes quantidades ela pensou que pela quantidade era para toda família mas as crianças não foram dadas os mais velhos.

⁵ Mistura de pó de amendoim torrado, açúcar e tapioca em pó

Quanto a purificação da casa, os seus irmãos mais velhos fizeram porque foi dito que o casal mais velho não pode sair daí sem ter feito essa cerimónia. Essa cerimónia consistiu na fervura de chá e servirem para toda a família porque diziam que aquilo substituí a cerimónia antiga que consistia em preparar medicamentos e misturar com xima onde davam a toda família.

Pela experiência própria quando faleceu seu irmão disseram para o seu filho fazer isso essa cerimónia mas, porque seu filho não tinha casado apenas tinha uma namorada que tinha engravidado e tal namorada só tinha aparecido por causa de falecimentos não então quando disseram para fazer isso ela (mãe) para o filho não fazer aquela cerimónia. Perguntou que se não se fizesse a tal cerimónia o que iria acontecer e também porque a sua sogra não tinha este tipo de orientação então não se fez nenhuma cerimonia tradicional nem aquela de *kuphalha* e nem aquela de enterrar a roupa.

Os familiares mais velhos vieram de Chibuto e disseram que tinha que se tirar algumas roupas e se enterrar eu disse que não meu irmão não tinha roupa que se pode deitar fora toda roupa que ele tem devia-se deixar para quem puder vestir e ela disse que não queria que a roupa do seu irmão fosse queimada ou enterrada.

O seu marido morreu por acidente a família pergunto-lhe como é que ela queria que as cerimónias fossem realizadas e disse que queria que o velório fosse em casa e que fosse a igreja a dirigir as ceremonias todos consentiram e não houve assim algo de tradição.

As vezes tem aparecido pessoas que dizem assim que teu marido morreu de acidente porquê não vais consultar e ela só diz sim para não fazer uma desfeita para aquela pessoa mas nunca procura saber porquê ele morreu. Nunca ouve nada de tradição na sua casa nenhuma tradição mesmo quando faleceu minha sogra não aconteceu nada de tradição.

A nossa entrevistada diz que em Gaza as coisas ainda são complicadas quando há infelicidades quando vai ainda dorme fora apesar de serem religiosos, quando chega lá costuma dizer que não consegue dormir fora e dorme dentro. Ainda existem certas coisas de tradição.

Diz ainda que é difícil deparar-se com conflitos no seio familiar entre a tradição e religião porque as pessoas por mais que seguem a tradição escondem. Fazem isso porque sendo religiosos não querem que as outras pessoas da igreja saibam que para

além da igreja optam também pela tradição o que vai contra os princípios religiosos. As pessoas acreditam que a tradição é pecado razão pela qual não querem que os outros conheçam esse outro lado.

A tradição sempre foi uma coisa restrita naquela altura se houve algo que tinha que ser feito só os mais velhos é que sabiam o propósito da tal cerimônia e os mais novos de nada sabiam mesmo algumas mães e alguns homens da família não participavam isto também tem haver com o esconder de certos segredos da família.

Cada família tem seus princípios e sua crença existem aquelas que não conseguem se desapegar da tradição e quando vão a igreja não se sentem completas falta sempre aquele *kuphalha* para se sentirem completas.

"Se tenho filho que reza em igreja diferente da minha pode acontecer que quando eu tiver uma cerimônia não aparecer porque ele acredita na sua ceita religiosa, temos aqui na igreja muitas crianças que pertencem a igreja católica e os pais pertencem outras igrejas"⁶.

Uma outra entrevistada teria dito que tradicionalmente quando há infelicidade o tio, irmão do pai e a tia irmã do pai desempenham um papel importante se for uma mulher que perdeu a vida chamam a tia ela é quem dá ordens e no caso em que seja um homem é chamado o tio por mais que esteja o pai presente chama-se o tio.

O seu marido saiu do serviço para o banco deixou o carro e atravessou a estrada e foi atropelado e perdeu a vida, vieram todos familiares de Inhambane houve uma grande confusão o pai dele quando chegou-se a morgue disse que queria ser o primeiro a entrar e sua mãe disse o seguir para ver e ouvir o que vai dizer em seguida disse "meu filho aceita tudo que vai acontecer eu entrego toda cerimônia a igreja mas depois sei o que farei lá em Inhambane".

No dia da missa foi uma sexta-feira, foram a missa afinal o seu cunhado mais novo já tinha arranjado um curandeiro quando as pessoas se dispersaram ele entrou em seguida e ela disse para sua mãe que não havia de entrar e ela disse tenha coragem e quando te derem remédio não aceita.

⁶ Entrevistada no dia 11.6.17

Segundo ela, a família do marido queria aquelas coisas de espírito e tal espírito saiu apanharam coisas deles e não apanharam nossas família dela⁷, apanharam coisas deles de lá de Inhambane e depois tentaram apanhar o espírito dele (falecido), primeiro começou por chorar e depois disse ninguém me matou foi acidente e depois disse a partir de hoje a missa daqui em casa tem que ser na igreja e ela ficou feliz depois daquilo.

Quando foi o espírito disseram assim que o dono da casa diz que não quer curandeiros na sua casa não podemos dar remédio a viúva quem quiser tomar banho com o remédio vai o fazer em Inhambane e não se fez nada.

Chegado trinta dias não chamaram curandeiro foram a missa na igreja e foram ao cemitério.

Na sua casa aquela purificação tradicional de homem mulher não aconteceu já que o defunto tinha dito que queria que seguissemos a igreja.

Na sua família quando há cerimónias vão apenas a igreja. Disse existem outras famílias que antes de irem a igreja fazem cerimónias tradicionais onde preparam chima e caril de amendoim e põe um prato em baixo da cama e depois chamam a igreja para conduzir a cerimónia. Antes de servirem a comida para os restantes primeiro servem a comida ao defunto e só depois é que os demais podem comer.

Nas famílias onde os filhos rezam e os pais optam pela tradição muitas vezes os filhos deixam de visitar os pais. A entrevistada conhece uma família em que os filhos quando há uma cerimonia em casa dos pais não comem aquela comida preparada para a tal cerimónia por vezes ficam nos quartos durante toda a cerimónias.

A tradição priva a pessoa de viver a sua vida normal e a igreja nega isso mas actualmente algumas coisas estão mudando.

Hoje em dia a vivência do luto mudou já não existe aquilo de dizer que a pessoa tem de pôr luto por dois anos. Na tradição durante a noite a viúva pode tirar o luto e voltar a vestir durante o dia.

⁷ Mostra que ela também em algum momento acredita na tradição

O que faz com que algumas pessoas não se despeguem da tradição é medo que venha acontecer certos males como padecer de tuberculose, falta de sorte entre outros tabus.

3.2. Complementaridades, divergências e conflitos existentes entre a religião e tradição nos procedimentos fúnebres e na vivência do luto nas famílias ronga

A morte e o luto tanto na religião assim como na tradição, fisicamente, só atingem os outros. Estão carregados de significados sociais e culturais. São, então, e antes de mais, um facto cultural, pelas representações que induzem, quanto à sua natureza e origem, pelos fantasmas e imagens que suscitam, pelos meios que mobilizam para se recusar ou para se ultrapassar.

Entre a religião e a tradição existe complementaridades, divergências e conflitos referentes aos procedimentos fúnebres e na vivência do luto. Passaremos apresentar em seguida.

3.2.1. Complementaridades entre a religião e tradição nos procedimentos fúnebres e na vivência do luto nas famílias ronga

Na religião assim como na tradição, os grupos sociais possuem formas específicas de enfrentar a morte e o luto e incorporação da ausência dos seus. Estabelecem-se actos simbólicos e físicos de preservação, reprodução e continuidade sociais que devem ser accionadas para que os vivos e os sistemas sociais se possam manter.

Após o cumprimento dos rituais de margem, consubstanciados, principalmente no luto e em outras cerimónias subsequentes de evocação do morto, quer em termos de rituais religiosos assim como ligados às tradições, inicia-se o processo de retorno à normalidade, através de um processo mais ou menos lento ou longo, logo, os ritos de suspensão de todas as proibições e de todas as regras do luto devem portanto ser considerados como ritos de reintegração na vida social. Durante o luto, a vida social fica suspensa para todos quantos são atingidos por ele e por tempo tanto maior (Douglas, 1991).

O cruzamento da religião e da tradição ancora numa historicidade, determinando os diferentes tipos rituais e cerimónias fúnebres que caracterizaram estes acontecimentos. Estes sincretismos e hibridismos convivem e neste caso conviveram de forma pacífica em grande parte dos casos.

Contudo, deve se registar que na direcção das cerimónias, mesmo que numa família se articulem estas duas formas, elas não se processaram de forma simultânea. Em termos temporais e até de conteúdo e de objectivo elas se separam. As cerimónias de exéquias e dos enterros propriamente ditas são dirigidas pelos responsáveis religiosos e abertos à participação de todos: família alargada, vizinhos, amigos, conhecidos. Os cânticos, a leituras bíblicas e os sermões têm lugar tanto no local do enterro como ao regressar à casa, onde as cerimónias prosseguem (Douglas, 1991).

Quando entram em acção os curandeiros a cerimónia é mais reservada e restrita com um certo carácter de secretismo. Trata-se de abordar questões mais ligadas à limpeza da família nuclear e principalmente daqueles que directamente estiveram em contacto com o morto. O mesmo acontece com os actos de purificação da casa para que nenhum mal possa penetrar e assim confira paz e sossego aos membros vivos que prosseguem com a sua vida. Estes curandeiros têm um papel preponderante nos actos de vestimenta do luto e na sua posterior retirada.

3.2.2. Divergências e conflitos existentes entre a religião e tradição nos procedimentos fúnebres e na vivência do luto nas famílias ronga

O ritual religioso em uma determinada família é a possibilidade de o adepto entrar em comunhão com a fonte primordial de força e energia que jorra das origens. Em Moçambique, no caso de mortes violentas, pessoas que morrem nestas circunstâncias têm merecido cerimónias fúnebres presididas por confissões religiosas.

Contudo, na tradição os especialistas rituais como curandeiros, xês e maziones têm uma intervenção central nas mesmas. Quer antes dos actos fúnebres, quer durante e fundamenta como sendo violentos e que eventualmente afectariam o sono. Simultaneamente, estas limpezas rituais se estendem aos locais da ocorrência das mortes e nas residências das famílias que perderam alguém.

Segundo a tradição existe a crença em espíritos de pessoas mortas que são potencialmente perigosos para os vivos. Mas esta periculosidade deriva sobretudo do tipo de morte e da ausência ou falta de cerimónias fúnebres de acordo com as regras tradicionais. Estas almas são localmente designadas por *mpfhukwas*, que são:

[...] os espíritos dos mortos que não foram devidamente sepultados, com todos os rituais destinados a conferir-lhes as devidas posições no mundo dos espíritos. As suas almas encontram-se, por isso, perturbadas; são espíritos de amargura. Acredita-se que estes espíritos têm a capacidade de provocar doenças e mesmo de matar as famílias daqueles que os mataram ou maltrataram em vida. Também poderão ser maus para os transeuntes, especialmente para quem pise as suas sepulturas (Honwana, 2002, p. 248).

Enquanto isso, a religião católica acredita na vida pois a morte, acredita na ressurreição onde aqueles que em vida praticaram boas obras tem vida eterna e os que pecaram terminaram nas trevas. O Catecismo da Igreja ensina que a crença na ressurreição é consequência da crença que Deus criou o homem inteiro, corpo e alma. Então, a esperança de uma vida além do túmulo precisa abranger o ser humano na sua inteireza.

Diferentemente da religião católica, a tradição nas famílias ronga é baseada nas leis da tradição, é possível afirmar que o espírito é a pessoa na condição de falecido. O espírito é alguém que viveu no mundo dos vivos e já passou pela morte, o que gerou uma transformação profunda, que lhe garantiu uma nova maneira de ser. Apesar de ele se encontrar no mundo invisível, o espírito continua a ser membro do grupo familiar a que pertencia durante a vida.

Conversando com um padre acerca de conflitos existentes entre a religião e tradição nos procedimentos fúnebres e na vivência do luto nas famílias ronga, ele teria dito que existe aquilo que chamamos de cerimónia tradicional que não tem nada a ver com práticas religiosas apesar de existir algumas práticas que podem entrar na prática cristã. Ele sublinhou que não pode haver mistura no momento da realização de missa para o defunto onde muitas vezes de manhã as famílias estão na igreja e a tarde realizam outra cerimónia fora da igreja onde está presente outro tipo de sacerdote. Para ele, isto reduz a fé em Cristo.

Para ele não há uma cerimónia grande que ultrapassa a cerimónia que se realiza na igreja sobretudo a igreja católica porque no fundo a base é harmonia. O Homem sempre gostou de viver em harmonia com os vivos como com os mortos. Essa harmonia passa através de alguns ritos.

4. Conclusão

Este trabalho, tem como principal enfoque, a tradição e religião, na vivência da morte e do luto entre famílias no sul de Moçambique (Na província de Maputo, distrito de Boane. Povoado de Picoco), tendo como objectivo principal compreender a dinâmica de coexistência entre a tradição ronga e a religião cristã católica nos procedimentos fúnebres e a vivência do luto no distrito de Boane, província de Maputo.

O objectivo principal deste trabalho é compreender a dinâmica de coexistência entre a tradição ronga e a religião cristã Católica nos procedimentos fúnebres e a vivência do luto nas famílias.

Para tal levantamos como hipóteses que a coexistência entre a religião católica e a tradição nos processos fúnebres e na vivência do luto é antagónico na medida em que cada uma das partes defende certos princípios que divergem da outra. levantamos também uma segunda que defendia que as famílias são atravessadas pelos ritos tradicionais e religiosos que culminam com a obrigação de cumprir com os mesmos a partir da socialização.

Durante as nossas pesquisas do campo foi possível notar esse antagonismo entre a religião e a morte. Com isto, podemos considerar a primeira hipótese válida. No que concerne a segunda hipótese existe aqui um secretismo cultural na vivência dos ritos fúnebres na medida em os nossos entrevistados mesmo sendo religiosos continuam apegados a tradição fazendo com que haja repetição dos ritos.

O moçambicano dum modo geral é um ser naturalmente religioso, envolvido num mundo de comunicação religiosa, que começa antes mesmo do seu nascimento prolongando-se para além da sua morte. Onde está um moçambicano está ali a sua religião tradicional. Ele carrega-a consigo para toda a parte por onde vai.

Esta religiosidade difundida manifesta-se e se exprime através de crenças, gestos, símbolos, ritos, cerimónias, celebrações, atitudes e práticas tradicionais.

A participação nas práticas e rituais tradicionais exprime e reforça a consciência de pertença ao clã e ao património histórico-cultural do seu povo.

Apesar do processo de luto ser aparentemente um mecanismo universal, cada indivíduo tem uma forma diferente de o realizar e o processo varia não só de pessoa para pessoa,

como também existem diferenças consoante a faixa etária em que o indivíduo se encontra.

Segundo dados obtidos no campo foi possível verificar que cada um dos nossos entrevistados interpreta o processo de luto e morte de formas diferentes alguns apesar de serem cristãos são ainda movidos pelas suas tradições e culturas.

Referências Bibliográficas

DOUGLAS, M. (1991). *Pureza e Perigo: Ensaio sobre as Noções de Poluição e Tabu*. Lisboa: Edições 70.

HONWANA, A. M. (2002) *Espíritos Vivos, Tradições Modernas: Possessão por Espíritos e Reintegração Social Pós-guerra no Sul de Moçambique*. Maputo: Promédia.

GIL, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas.